



Instauratio Magna

**Revista do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia da Universidade Federal do ABC**

v. 4, n. 1 (2024) • ISSN: 2763-7689

Entrevista

POR OUTROS MODOS DE PENSAR E FAZER FILOSOFIA

Entrevista com Juliana Aggio (UFBA)

Michele Bonote

Universidade Federal do ABC (UFABC)

Sarah Bonfim

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

DOI: 10.36942/rfm.v4i1.1032

Contatos:

michelebonote@hotmail.com • sarah_bonfim@yahoo.com.br

Recebido em: 20/11/2024 • **Aprovado em:** 18/12/2024

POR OUTROS MODOS DE PENSAR E FAZER FILOSOFIA

Entrevista com Juliana Aggio (UFBA), realizada por Michele Bonote e Sarah Bonfim em 2024.

-

Até quando a filosofia brasileira continuará reproduzindo acriticamente um cânone marcado por exclusões e silenciamento? Até quando ela restringirá seus modos de produzir conhecimento ao categorizar hierarquicamente o que é propriamente filosófico e o que não é? Até quando nos isolaremos dos debates com outras disciplinas? Essas são apenas algumas das questões que ganham cada vez mais espaço no debate acadêmico atual. Tradicionalmente dominada por vozes masculinas e perspectivas eurocêntricas, a filosofia está passando por uma transformação significativa nas últimas décadas, impulsionada por novos atores e pela inclusão de novas perspectivas antes marginalizadas.

Juliana Aggio, professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA), é uma dessas vozes fundamentais que lutam pela renovação e diversificação do campo filosófico. Com uma trajetória acadêmica que começou nos estudos de Aristóteles e se expandiu para os estudos de gênero e de mulheres filósofas, Juliana tem desempenhado um papel crucial na abertura da filosofia. Nesta entrevista, exploraremos seu percurso pessoal e profissional, as motivações por trás de sua atual pesquisa em gênero, os desafios e conquistas de seu trabalho no GT de Filosofia e Gênero da ANPOF, além de seu contínuo engajamento em projetos que têm expandido tanto os conteúdos como os modos de pensar e de fazer filosofia.

Revista de Filosofia Instauratio Magna (RFIM): *Aristóteles foi seu objeto de estudo durante praticamente toda sua formação. Recentemente, contudo, suas linhas de pesquisa demonstram interesse em outras áreas, especialmente os estudos de gênero. Quando e por que os estudos de gênero, de mulheres filósofas e autoras e autores feministas se tornaram uma questão para você?*

Juliana Aggio (JA): Em toda a minha trajetória eu trabalhei com filosofia antiga na USP, sempre colocando Aristóteles e Platão em diálogo, em particular, no meu doutorado, sobre a capacidade de se autogovernar, governar os próprios desejos e prazeres para se tornar uma pessoa virtuosa e, assim, feliz - em termos aristotélicos. Aconteceu que eu comecei a ler como Foucault, no final de sua obra, retomou os antigos para pensar o governo sobre os prazeres, sobretudo os prazeres afrodisíacos, sensoriais, relativos ao tato e paladar. Para tanto, ele volta-se para a filosofia grega. E eu me interessei por essa leitura, porque tem toda uma relação com o que eu produzi¹. O interesse de Foucault é entender a sexualidade, mas para pensar isso, ele precisa entender como esse fenômeno existia nas outras épocas. Nos antigos era uma experiência da *afrodisia* e da prática que é conhecida como ascese de si. Foucault se pergunta: será que o nosso problema foi ter dado férias ao ascetismo? E mesmo com uma grande influência nietzscheana, que, aliás, critica completamente qualquer recurso a uma espécie de ascetismo, Foucault acha importante repensarmos esse trabalho sobre si mesmo, que talvez tenha sido esquecido. Dessa forma, a modernidade teria privilegiado, de acordo com ele, o conhecimento de si, em vez do cuidado de si, algo que nos gregos estava intrinsecamente associado. Em *A hermenêutica do sujeito* (2006), Foucault nos mostra que na modernidade houve tal dissociação e privilégio, caracterizado de momento cartesiano. Pensando a partir dessa reflexão, será que agora não seria interessante voltarmos para essa ascese? Partindo de Foucault, comecei

¹ Juliana cita o livro que publicou em sua tese de doutorado: *Prazer e desejo em Aristóteles* (2017).

a investigar como poderíamos pensar em uma espécie de ascese de si. Pensar isso na atualidade significa pensar em toda uma estrutura de poder que constitui a nossa subjetividade, o que, conseqüentemente, me leva às pautas feministas.

Ao mesmo tempo, em 2016, fui chamada para compor o [GT de filosofia e gênero](#) da ANPOF e acabei me identificando com as pautas de luta: dar visibilidade às mulheres na sua atuação profissional, desde a sua presença na história da filosofia até o reconhecimento profissional atual das filósofas que estão trabalhando nas universidades. Portanto, eu passei a compor essa luta, que é uma luta pessoal também. Eu sempre fui feminista e sempre lutei por questões feministas na minha vida pessoal e pública. Por isso fui participar do GT de filosofia e gênero. Na primeira reunião, eu me lembro bem de nós em uma sala, não sabíamos direito como fazer, o que fazer, mas tínhamos muita vontade. A [Susana de Castro](#) foi uma das protagonistas ali, ela foi a coordenadora naquele momento e eu fiz parte do núcleo de sustentação. Me chamaram e eu também chamei a [Carolina Araújo](#), enfim, fomos chamando as mulheres próximas para começar. E esse foi um ano, inclusive, que a Carolina veio com um texto sobre a ausência de mulheres na pós-graduação: *Mulheres na Pós-Graduação em Filosofia no Brasil* (2016). Para mim esse texto é um divisor de águas. Além disso, a Carolina veio com o movimento chamado "[Quantas filósofas?](#)". Por um lado, eu comecei a fazer relações profissionais com essas professoras e compor esse grupo, que é um grupo de resistência na área, sem dúvida. Por outro lado, eu passei, obviamente, a ler as feministas e descobri que elas pensaram a subjetividade, em grande parte, influenciadas e em diálogo com Foucault².

² Sobre a relação entre Foucault e as feministas, Juliana recomenda a leitura da obra da professora de história da UNICAMP Margarete Rêgo.

No ano seguinte, em 2017, eu dei um curso, já grávida, de barrigão, sobre quatro filósofas feministas: Simone de Beauvoir, Nancy Fraser, Monique Wittig e Judith Butler. Depois desse curso, me obriguei a ler profundamente essas autoras para poder falar com mais propriedade. A Butler foi uma grande paixão, porque eu já estava lendo Foucault a um tempo e ela tem um diálogo muito próximo com ele. Agora eu tenho trabalhado, sobretudo, com Foucault e Butler para pensar em uma espécie de ascese crítica de si. Eu acho importante ressaltar que não seja simplesmente uma ascese, mas que seja uma ascese crítica de si, que dá lugar para uma espécie de prática crítica de si que se chama relato de si. A partir disso, pensar qual a importância dessa crítica para a transformação e sua relação com a verdade. Então a minha pesquisa vai nesse sentido atualmente, que, aliás, estou desenvolvendo em meu pós-doc.

RFIM: *Você foi coordenadora do GT de Filosofia e Gênero da ANPOF de 2021 a 2022. Como foi essa experiência, quais foram seus desafios?*

JA: Como coordenadora, posso dizer que enfrentei dois desafios: um interno e outro externo. O desafio interno são os conflitos. É óbvio que fazemos política, usando termos que são eles próprios políticos. Então, internamente, existem divergências e procuramos conversar e discutir, inclusive, sobre questões que não são muito fáceis, como a questão da branquitude, do feminismo decolonial e negro, principalmente porque somos majoritariamente mulheres brancas. A universidade tem uma característica de exclusão drástica das mulheres negras. Se das mulheres em geral já existe uma exclusão, quando olhamos para as mulheres negras a exclusão é ainda maior. Esse quadro só piora quando olhamos para a pós-graduação ou pesquisadoras CNPq. O grande desafio interno, portanto, é fazer uma gestão democrática e horizontal, porque, infelizmente, nós da filosofia estamos acostumadas a pressupor e a aceitar, sem questionar, uma hierarquia institucional. Claro que existe um lugar de

autoridade, mas esse não é um lugar de autoritarismo. Assim, mesmo que exista esse lugar de poder, no sentido de que você responde de maneira mais direta sobre as questões que envolvem GTs, coordenação, administração etc., a ideia é que a gestão seja a mais coletiva possível.

Do ponto de vista externo, o desafio é maior, porque existe uma certa resistência no nosso meio. Somos estruturalmente uma sociedade patriarcal, machista, racista e mesmo aqueles que se dizem mais sensíveis, mesmo assim reproduzem preconceitos e discriminações, muitas vezes sem se dar conta e outras vezes se dando conta e até de maneira escandalosa. É desde que somos consideradas chatas, de que ser feminista é chato e de que isso não tem uma relevância ou de que não existe tanta desigualdade assim, há a minimização de nossa luta, como se não fosse necessário desfazer essa injustiça. Dessa forma, o GT se insere em um movimento que ficou conhecido como Primavera feminista³. Além do texto da Carolina, eu também escrevi um texto sobre esse momento: *A guerrilha das filósofas* (2021). Esse texto surgiu de um episódio marcante, um debate realizado em setembro de 2020 sobre a pós-graduação de filosofia no Brasil protagonizado só por homens. Em reação a isso, nós, filósofas brasileiras, nos articulamos em um grupo virtual chamado [Guerrilla Girls](#)⁴, em homenagem a um movimento de 1985, no qual artistas ativistas

³ “Filósofos brasileiros passaram a referir-se como “primavera de 2016” ao movimento que neste ano começou a chamar a atenção para a baixa proporção de mulheres nesta comunidade e o pouco reconhecimento que ela atribui tanto à obra de filósofas, quanto à pesquisa filosófica sobre questões de gênero. A imagem da primavera deve ser aqui entendida como um momento de grande visibilidade, de florescimento, de um trabalho que foi arado, semeado e cuidado por muito tempo, por diferentes pessoas e por várias gerações” (ARAÚJO, 2020, p. 127).

⁴ A exposição realizada no Museu de Arte Moderna, em Nova Iorque, com o título “Panorama Internacional de pinturas e esculturas recentes” contava com 165 artistas no total, em que apenas 13 eram mulheres. A partir disso, surgiu esse grupo de artistas ativistas que sacolejou o mundo das artes com as questões que traziam sobre o lugar das mulheres. Assim, além de mostrarem que poucas mulheres artistas tinham visibilidade, elas eram sexualizadas, geralmente representadas nuas nos quadros.

expressaram sua indignação à falta de mulheres no panorama da arte, reivindicando uma participação efetiva. De maneira similar, tentamos realizar o mesmo movimento: mostrar que a pós-graduação não estava aberta a ouvir o que as mulheres tinham a dizer sobre os programas de filosofia no Brasil. Nossa tática foi planejada através de um grupo virtual, em que planejamos performar uma intervenção virtual nesse evento para indicar o óbvio: a presença de mulheres no espaço público. Estávamos em peso fazendo comentários no chat, questionando a ausência de mulheres nesse evento, além de realizar comentários críticos sobre a evasão das mulheres nos programas de filosofia. Era possível perceber o constrangimento dos convidados, que comentaram sobre as questões que levantamos, dizendo que depois queriam convidar as mulheres. De qualquer forma, essa situação mostra que não dá mais para aceitar essa exclusão. Não é mais possível a comunidade filosófica fazer um evento desse porte, para discutir sobre ela mesma, e não colocar uma mulher. Isso é um absurdo. Assim como toda comissão de seleção deveria existir pelo menos uma mulher. No entanto, acredito que nossa comunidade está sendo sensibilizada com todos esses movimentos. Nós não só fizemos essa performance virtual crítica, que é diferente de retaliação, como também propusemos um ciclo de debates sobre a pós-graduação de filosofia no Brasil com quatro mesas compostas majoritariamente por mulheres. Fizemos isso pelo canal da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. Esses atos nos fortalecem e encorajaram a encampar o que eu chamei de nossa guerrilha.

RFIM: *Fale mais sobre a Primavera feminista, os projetos, canais, redes e blogs de divulgação de mulheres filósofas e filosofias feministas, especialmente da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas.*

JA: De maneira geral, tivemos um crescente número de atividades e intervenções em 2016, desde a criação do GT de Filosofia e Gênero e do texto que a Carolina Araújo apresentou na ANPOF sobre mulheres na

pós-graduação em filosofia. Esse texto nos chocou, pois Carolina nos diz numericamente que as mulheres têm 2,5 menos chances de chegar ao topo da carreira. Depois ela escreveu outro⁵, que analisa o período de 2016 até 2019. Nele, ela nos mostra um salto expressivo no número de eventos sobre mulheres e filosofia em 2018 e 2019. Só em 2019 foram realizados 25 eventos desse tipo, o que expressa mais do que nos 3 anos anteriores somados juntos. Em 2020 houve uma explosão de eventos, porque, em 2019, a Rede Brasileira de Mulheres Filósofas foi criada. Podemos dizer, então, que há um apogeu dessa Primavera das filósofas em 2020, porque foram cerca de 108 eventos virtuais, lives, podcast, encontros, 28 cursos, 42 publicações e 9 entrevistas sobre essa temática de mulheres e filosofia. A Rede Brasileira de Mulheres Filósofas, por exemplo, abriga certamente mais de 70 projetos de mulheres que estão trabalhando sobre questões que envolvem mulheres e filosofia, ou questões feministas e de gênero.

Além da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas, também temos a [Rede de Mulheres Filósofas da América Latina](#), da UNESCO; o [GT de Mulheres na História da Filosofia](#) da ANPOF, que surgiu recentemente para falar das mulheres historicamente silenciadas e negligenciadas; o laboratório [Filosofias do tempo do Agora](#), da UFRJ; o projeto [Uma filósofa por mês](#), da UFSC; o projeto [Mulheres Intelectuais de ontem e hoje](#), podcast da UFRJ em parceria com a UFSC; o projeto Mulheres que leem mulheres; canal do YouTube [Filósofas na rede](#); o blog [Mulheres na filosofia](#), da Unicamp; o prêmio Filósofas, entre outros. Além disso, resalto que quando participei da comissão de avaliação da quadrienal da CAPES, um dos critérios que eles levantaram foi a inclusão para a diminuição da desigualdade, e a Rede Brasileira de Mulheres Filósofas foi citada como uma importante iniciativa. Então, atualmente eles estão avaliando se programas de pós-graduação estão afinados com essas

⁵ *A primavera de 2016* (ARAÚJO, 2020).

questões, se existem pessoas e iniciativas que trabalham na sensibilização e conscientização de homens e mulheres, professores e alunas, para lidarmos com discriminações em diversos níveis.

Sobre a Rede Brasileira de Filósofas Mulheres. Ela é uma rede virtual que abriga projetos, eventos, iniciativas, quase uma autopoietica de ações coletivas num território e numa comunidade de segunda ordem. De segunda ordem, porque é como se estivéssemos, de alguma maneira, à margem do que é uma inserção. Só agora temos, por exemplo, nas avaliações, os famosos PTT, isto é, os produtos técnicos/tecnológicos, que incluem esses projetos como parte da nossa produção no Lattes. Um site, por exemplo, é trabalhoso de gerenciar, por isso é importante que seja reconhecido como produto de nosso trabalho. Além de dar aula, orientar, produzir texto e apresentar palestra, nós também organizamos eventos, fazemos sites, textos de grande difusão, tudo isso dentro do eixo de extensão. Na filosofia, no entanto, a extensão acaba sendo um lugar estranho e alheio. Em outras áreas isso é mais evidente, mas na filosofia acabamos nos isolando cada vez mais, dialogando cada vez menos com outras disciplinas, resultado de um tecnicismo que nos fechou de maneira muito nefasta, eu diria, até para nossa criatividade intelectual. Nesse sentido, eu acho que a Rede promove uma abertura, permitindo uma conexão e conhecimento de nós mesmas e de nossos projetos. Por isso, acredito que a Rede tenta fazer uma gestão democrática e participativa. Eu sou uma das administradoras, mas a gente sempre abre para que outras administradoras se juntem, pois é trabalhoso e é por uma causa: nós queremos diminuir a desigualdade de gênero.

Além da conquista de visibilidade e reconhecimento acadêmico e social da filosofia realizada por mulheres, queremos deixar claro, quase como um grito, que esse silenciamento e essa opressão são estruturais e não se limitam a um evento isolado que afeta uma ou outra filósofa. A Rede vem construindo essa

consciência, a de que nós, mulheres filósofas, de fato somos oprimidas e que juntas podemos encontrar força e coragem para produzir filosofia, para acreditar que somos capazes.

RFIM: *Na introdução do livro "Filósofas", que reúne uma série de artigos escritos por membros do GT de Filosofia e Gênero, você escreve o seguinte: "o que nós queremos é uma completa revisão feminista na história da filosofia. Uma história que não apenas inclua mulheres filósofas, mas que se abra para novos objetos, questões e temas e novas formas de argumentar, imaginar e produzir conhecimento" (2021, p. 9). Quais obstáculos você acredita que a pesquisa em filosofia no Brasil ainda precisa atravessar ou romper para a concretização desses objetivos?*

JA: De modo geral, eu acho que o Brasil está muito atrasado. Quando pensamos sobre a liberdade e a multiplicidade de modos de se fazer filosofia, temos um problema sério de não se abrir a novos objetos e a outros modos de se fazer filosofia. Apesar de estarmos começando a questionar esse cenário, acredito que precisamos aprofundar. Sobre os conteúdos da história da filosofia precisamos nos perguntar: quem são esses autores que compõem o cânone da história da filosofia? Afinal, é um cânone histórico e contingente, ele foi criado, existe uma intenção política por trás dessa criação, então por que a exclusão de mulheres? Quando eu fiz meu curso de graduação eu não vi nenhuma. Fiquei por quatro anos estudando uma quantidade enorme de filósofos e quase não vi filósofas e tive aula com pouquíssimas mulheres filósofas também. O quadro que temos é: poucas filósofas abordadas, poucas professoras e mesmo nas referências bibliográficas poucas mulheres. Por isso, devemos questionar os conteúdos da história da filosofia.

Também devemos questionar os métodos investigativos, pois a rigorosidade de nossos métodos exclui outros modos de se fazer filosofia. Isso faz pensar em qual a função da filosofia. Será que ela não tem função social? Eu acho que

ela tem sim. Então como pensar o fazer filosófico e sua função social? Temos uma quantidade enorme de critérios avaliativos, que são os mais restritivos e castradores possíveis, que nos impossibilitam uma amplitude de modos de se fazer filosofia. Assim, precisamos repensar os nossos critérios avaliativos, além das autoridades que legitimam certos modos de fazer filosofia e excluem outros. Não estou dizendo que não temos que ter critérios, mas que eles devem ser bem alargados, para podermos ampliar os modos possíveis de se fazer filosofia. A crítica que eu gostaria de sinalizar é que nós possamos pensar não apenas sobre uma ou duas obras, mas com e para além de muitas obras. A filosofia poderia ser feita, a meu ver, com menos tecnicismo, com uma linguagem menos hermética, mas com uma clareza convincente e profunda, na qual se pergunta sobre a verdade e ponha a própria verdade como objeto de questionamento.

Lembremos, também, que vivemos em uma lógica do produtivismo do Lattes. Torço para que a especulação criativa vença a lógica do mercado e das honrarias, para que nossa prática filosófica não seja feita para ganhar prêmios ou prestígio, mas que se faça com paixão, porque se quer fazer filosofia, porque existe um valor intrínseco no próprio fazer filosófico, de uma função social que visa a transformação. A filosofia precisa romper com todos esses narcisismos, que são como muros que a apequenam aos medalhões, às bolsas, às posições de coordenação. Apesar de não gostar de assumir esses lugares, sei de sua importância social, pois são nessas posições que conseguimos modificar as coisas internamente, trabalhando para que a filosofia não seja feita por e para especialistas, para que ela tenha uma abertura maior e abandone o purismo, digamos assim. Por que alguém que teve uma formação em história da filosofia antiga não pode falar de filosofia contemporânea? Que grilhão é esse? Eu acho que na filosofia temos que nos permitir, nos lançar em objetos considerados não filosóficos pela academia, como gênero, sexualidade, raça, até estética, que até pouco tempo atrás chamavam de penduricalhos da filosofia. De acordo

com essa narrativa fechada, a filosofia séria é teórica e alemã; a fenomenologia francesa só é interessante porque dialoga com a alemã; Foucault só é interessante porque dialoga com os alemães. Como diz Heidegger, só dá para fazer filosofia se for em alemão ou grego. Para mim isso é uma grande colonização do pensamento.

Penso que só será possível imaginar outros modos de se fazer filosofia se não abandonarmos sua função crítica e social; se o texto for um pretexto para uma vivência maior, transformadora do mundo; se não a apartamos de modos de vida; se ela não se pretender inteiramente histórica; se ela for capaz de criticar a si mesma e não se levar tão a sério; se as fronteiras institucionais, departamentais e disciplinares forem alargadas. Enfim, perguntar-se sobre as mulheres na filosofia, assim como trazer outras questões, como de gênero, raça, sexualidade e o que mais vier, pois não existe um objeto determinado do pensamento. Definimos o que é filosófico pelos modos de investigação, não pelos objetos. Que modos? Os mais alargados possíveis e que dialogam com vários outros lugares do pensamento. O enquadramento institucional que é muito restritivo. Embora se faça filosofia, análise de texto de uma obra e um autor, eu acho que podemos ser um bem mais complexos, criativos e abertos.

RFIM: *Outro desafio para lidar com esse histórico de evasão é a questão da maternidade. Durante a pandemia a produtividade caiu para as pessoas que tinham filhos, principalmente as mulheres.*

JA: Isso é algo que o [Parent in Science](#), um movimento também de mulheres no Brasil, tem lutado. A inserção da maternidade no currículo Lattes, por exemplo, fez parte de suas pautas e agora deve contar na hora de considerar a pontuação para concorrer a editais. Para mim, isso tem que ser levado em conta na avaliação, assim como é levado em conta na progressão funcional. Somos uma comunidade que precisa se proteger, continuar vigilantes, pois

vivemos em uma sociedade estruturalmente patriarcal e ela não vai mudar de uma hora para a outra. Mesmo que o nosso trabalho agora seja, digamos assim, um formigueiro, já não somos formiguinhas, mas sim formigas dentro de um formigueiro muito maior do que nós, da filosofia. Nos deparamos, portanto, com uma estrutura muito difícil e resistente, mas que a tendência atual é pelo menos de sensibilizar e inibir certos comportamentos de exclusão.

RFIM: *Durante a pandemia, quando realizava meu mestrado, muitas vezes pensei em desistir. Isso me fez refletir sobre a evasão das mulheres na filosofia. Além disso, também conheci muitas colegas que terminam a graduação e foram para outras áreas. Eu ainda acho a filosofia um lugar institucionalmente pouco convidativo, especialmente para as mulheres.*

JA: São várias as dificuldades sociais, psicológicas, históricas, epistemológicas que fazem com que não acreditemos em nós mesmas, com que não apostemos em nós mesma, pois nós precisamos dessa força de vontade, ainda mais no Brasil, uma sociedade tão desigual e tão difícil de sobreviver materialmente falando. A filosofia é um curso que não tem um retorno financeiro imediato, por isso precisamos lutar e resistir a muitas intempéries. Mas todo esse movimento feminista vem para justamente tentar superar injustiças. Estamos pensando no presente, mas principalmente no futuro, na abertura para as alunas. Tem um texto, *Pode o Outro da filosofia falar?* (2022), em que Judith Butler coloca que praticamente todas as filósofas feministas que ela conhece hoje não trabalham em departamentos de filosofia. Drucilla Cornell, Seyla Benhabib, Nancy Fraser, Linda Nicholson, Iris Marion Young, Elizabeth Grosz e ela mesma estão espalhadas em outros departamentos: direito, ciência política, educação, literatura comparada, língua Inglesa, estudos da Mulher etc. Então tem alguma coisa de errado aí, né? Algo complexo e estruturalmente repelente à nós.

RFIM: *Em comparação à época em que você realizava sua formação, como você avaliaria esse movimento atual de contestação e abertura do cânone filosófico? Se você de hoje pudesse aconselhar a Juliana do passado, que ainda estava trilhando sua trajetória acadêmica em um ambiente não tão aberto às questões de gênero, o que você diria? Qual seu conselho para essa nova geração de estudantes de gênero em filosofia?*

JA: Para Juliana do passado eu diria: vai ser um caminho muito difícil, a luta é grande, mas não desista. E o que eu digo para vocês agora é: o caminho foi aberto. Foi aberto à foice na mata fechada. Como estamos agindo coletivamente, a trilha está sendo feita. Então agora eu diria que o caminho continua sendo difícil, mas está melhor, as expectativas são melhores, a área está sendo sensibilizada e as mulheres estão reivindicando esses lugares de poder, por exemplo, a presidência da ANPOF, coordenação de área da CAPES e FAPS (Fundações de Amparo), e assim por diante. Porém, o problema mais difícil, no que vejo, é a abertura para outros modos de se fazer filosofia, porque existe uma ideia de rigor e de excelência dentro de padrões muito rígidos e fechados, uma jurisprudência criada pela comunidade filosófica brasileira a partir de padrões europeus e estadunidenses. Claro que não quero jogar fora critérios como clareza, convencimento, coerência argumentativa e profundidade. Minha crítica se endereça ao modo ou a forma como se produz. Penso que antes de produzir um conceito, nossa arte é elaborar problemas, e isso significa colocar sempre em dúvida a própria verdade. Assim, mesmo que elaborem um texto assertivo, que se pretende verdadeiro, ele deve estar de alguma maneira aberto a questionamentos, porque se é um texto filosófico, então é uma obra de pensamento que gera debate, que vai para além do seu tempo de alguma maneira. Assim, na medida em que começamos a produzir em grande escala trabalhos sobre questões não canonizadas pela academia, isso começa a ter uma repercussão, e é só um com esse volume, com a

continuidade desse trabalho, que vamos abrindo espaços e permanecendo. Por isso defendo que temos que continuar falando e fazendo nosso trabalho.

REFERÊNCIAS

AGGIO, Juliana. “A guerrilha das filósofas”. **Revista Cult**, n. 272, 2021, pp. 18-21.

AGGIO, Juliana. **Prazer e desejo em Aristóteles**. Salvador : EDUFBA, 2017.

AGGIO, Juliana; FAUSTINO, Silvia; ARAÚJO, Carolina; SOMBRA, Laurenio (Org.). **Filósofas**. São Paulo : Kottter Editorial, 2021.

ARAÚJO, C. A primavera de 2016. **Revista Ideação**, v. 1, n. 42, 2020, p. 126-140.

ARAÚJO, Carolina. **Mulheres na Pós-Graduação em Filosofia no Brasil – 2015**. São Paulo : ANPOF, 2016.

BUTLER, Judith. “Pode o outro da filosofia falar?” In: **Desfazendo gênero**. Trad. Beatriz Zampieri. São Paulo : Unesp, 2022.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. de Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo : Martins Fontes, 2006.